



Guia de Nutrição Canina

Como ler um rótulo, escolher a ração certa e alimentar o seu cão em cada fase da vida.

Um manual prático escrito por quem trabalha com nutrição canina há mais de duas décadas.

ÍNDICE

ABERTURA

Porque escrevemos este guia	3
Como usar este guia	3

PARTE 1 • LER UM RÓTULO

1.1 A ordem dos ingredientes e o que ela revela	6
1.2 Carne fresca, farinha de carne e subprodutos	7
1.3 Proteína bruta: porque a percentagem sozinha não diz nada	8
1.4 Gordura, fibra, cinza e humidade	10
1.5 Cálcio, fósforo e os minerais que importam	11
1.6 Checklist: 10 perguntas a fazer a qualquer rótulo	12

PARTE 2 • O CÃO EM CADA FASE DA VIDA

2.1 Cachorro: a fase em que os erros deixam marca	14
2.2 Raças grandes e gigantes: o crescimento travado	15
2.3 Cão adulto: quanto dar, de facto	16
2.4 Raças pequenas: energia concentrada em pouco espaço	18
2.5 Cão sénior: o mito da proteína reduzida	19
2.6 Cão desportivo e de trabalho	20
2.7 Esterilização e controlo de peso	21

PARTE 3 • PROBLEMAS COMUNS

3.1 Pele sensível e comichão	24
3.2 Alergias e intolerâncias alimentares	25
3.3 Articulações e displasia da anca	26
3.4 Digestão sensível e diarreia recorrente	28
3.5 Calor, hidratação e golpe de calor	29

PARTE 4 • BOAS PRÁTICAS

4.1 Mudar de ração sem estragar a digestão	32
4.2 Conservação: o saco aberto perde qualidade	32
4.3 Snacks: quanto é demasiado	33
4.4 Quando este guia deixa de bastar	34

ANEXOS

A Tabela de rações diárias por peso e atividade	37
B Glossário de termos de rótulo	39

Porque escrevemos este guia

Nos últimos anos, quem tem um cão passou de ter três opções de ração no supermercado para ter trezentas — e nenhuma forma clara de as comparar.

Trabalhamos em nutrição animal há mais de vinte anos. Todos os dias, na Kanemaster, recebemos a mesma pergunta em formas diferentes: *qual é a melhor ração para o meu cão?*

A resposta honesta é que não existe uma. Existe a ração certa para *este* cão, com *este* peso, *esta* idade, *este* nível de atividade e *estes* problemas de saúde. O que existe, sim, é um conjunto de critérios que permitem a qualquer tutor distinguir uma escolha sólida de uma escolha de marketing.

É isso que este guia lhe entrega. Não lhe vamos dizer que uma marca é boa e outra má. Vamos ensiná-lo a ler o rótulo, a calcular a quantidade diária, a reconhecer os sinais de que a alimentação não está a funcionar e a saber quando o problema já não é alimentar — é veterinário.

Um tutor que sabe ler um rótulo toma melhores decisões do que um tutor que segue recomendações. É esse o objetivo.

Uma nota sobre o que este guia não é

Este guia é informação nutricional de carácter geral. Não substitui a avaliação de um médico-veterinário, não diagnostica doenças e não prescreve dietas terapêuticas. Sempre que um capítulo tocar num limite clínico, dizemos isso de forma explícita.

Como usar este guia

O guia foi construído para ser lido de duas maneiras.

De início a fim, se está a escolher alimentação para um cão novo ou a repensar a de um cão que já tem. A ordem dos capítulos segue a lógica da decisão: primeiro aprende a ler o rótulo, depois identifica o perfil do seu cão, depois ajusta a problemas específicos.

Por consulta, se tem uma dúvida concreta. O índice está detalhado ao nível do subcapítulo precisamente por isso. Se o seu cão se coça, vá ao 3.1. Se vai mudar de ração, vá ao 4.1. Se quer saber quanto dar, vá ao 2.3 e ao Anexo A.

OS QUATRO NÚMEROS QUE DEVE SABER DE COR

Antes de continuar, tenha à mão estes dados do seu cão. Metade das decisões deste guia depende deles:

1. Peso atual, medido numa balança (não estimado).
2. Peso ideal, se forem diferentes.
3. Idade em meses, se for cachorro; em anos, se for adulto.
4. Esterilizado ou não.

Ao longo do texto vai encontrar três tipos de caixa. As caixas em fundo areia dão-lhe uma regra prática ou um cálculo. As caixas com moldura tratam mitos frequentes — e dizem-lhe o que é verdade e o que não é. As caixas em tom avermelhado assinalam situações em que deve falar com o veterinário antes de mexer na alimentação.

PARTE 1

Ler um rótulo

O rótulo de uma ração é um documento legal, não um anúncio. Aprender a lê-lo é a competência que mais poupa dinheiro e mais evita enganos — e leva-lhe menos de uma hora.

1.1 A ordem dos ingredientes e o que ela revela

Na União Europeia, a lista de ingredientes de um alimento para animais de companhia é apresentada **por ordem decrescente de peso**. O primeiro ingrediente é o que entra em maior quantidade na fórmula, o último é o que entra em menor quantidade.

Esta regra tem uma consequência que muita gente desconhece: o peso é contabilizado **tal como o ingrediente entra na fórmula**, antes do processamento. E é aqui que a leitura ingênua se engana.

A carne fresca contém cerca de 70% de água. Um saco de ração seca sai do processo com menos de 10% de humidade. Isto significa que um rótulo que abra com «carne fresca de frango (30%)» pode, no produto final, contribuir com menos matéria seca do que um rótulo que abra com «farinha de frango desidratado (25%)» — porque a farinha já vem sem água.

REGRA PRÁTICA

Quando comparar dois rótulos, não compare apenas percentagens de carne. Verifique se o ingrediente é **fresco** (com água) ou **desidratado** (sem água). Multiplique mentalmente o ingrediente fresco por cerca de 0,3 para ter uma noção da contribuição em matéria seca. Trinta por cento de carne fresca correspondem, grosseiramente, a nove por cento no produto acabado.

O truque da divisão de ingredientes

Há uma prática legal mas pouco transparente que vale a pena conhecer. Se um fabricante usar muito cereal e quiser que ele não apareça em primeiro lugar, pode dividi-lo em várias entradas. Em vez de «milho 40%», o rótulo apresenta «farinha de milho 15%», «glúten de milho 14%» e «sêmola de milho 11%». Nenhuma das três aparece no topo — mas somadas dão 40%.

O mesmo se faz com arroz, trigo ou batata. Ao ler um rótulo, some mentalmente todas as entradas que derivam da mesma matéria-prima antes de tirar conclusões.

Composição aberta e composição fechada

Um rótulo de **composição aberta** nomeia os ingredientes: «frango desidratado», «arroz», «gordura de galinha». Um rótulo de **composição fechada** usa categorias genéricas: «carnes e subprodutos animais», «cereais», «óleos e gorduras».

A composição fechada é legal e permite ao fabricante trocar a matéria-prima concreta conforme o preço de mercado, mantendo a análise nutricional. Para o tutor, tem uma desvantagem prática: se o cão reagir mal a uma proteína específica, é impossível saber qual estava no saco — e impossível evitá-la.

QUANDO A COMPOSIÇÃO ABERTA É ESSENCIAL

Se o seu cão tem suspeita de alergia ou intolerância alimentar, a composição aberta deixa de ser uma preferência e passa a ser um requisito. Sem saber que proteínas estão no alimento, não é possível fazer uma dieta de eliminação (ver 3.2).

1.2 Carne fresca, farinha de carne e subprodutos

Estes três termos geram mais confusão do que qualquer outro ponto do rótulo. Vamos separá-los.

Carne fresca

Músculo e tecidos associados, tal como saem do abate, com toda a água. Tem excelente palatabilidade e um perfil de aminoácidos muito bom. A desvantagem já foi explicada: pesa sobretudo água, e a percentagem no rótulo sobrevaloriza a contribuição real.

Farinha de carne desidratada

É carne à qual foi retirada a água por secagem. Um quilo de farinha de frango desidratado equivale, em matéria seca, a cerca de três a quatro quilos de frango fresco. Não é um ingrediente inferior — é um ingrediente concentrado.

A qualidade de uma farinha depende de duas coisas: de que partes do animal foi feita e a que temperatura foi processada. Uma farinha nomeada («farinha de frango desidratado») é rastreável a uma espécie. Uma farinha genérica («farinha de carne de aves») pode misturar várias.

Subprodutos animais

Aqui está o mal-entendido mais comum. «Subproduto» não significa resíduo nem lixo. Na legislação europeia, subprodutos de origem animal são as partes do animal não destinadas ao consumo humano — o que inclui fígado, coração, rins, pulmão, moela, cartilagem.

Muitos destes são nutricionalmente excelentes. O fígado é uma das fontes mais densas de vitamina A, cobre e ferro. O coração é músculo, com taurina. A cartilagem contribui com colagénio e glucosaminoglicanos.

O problema dos subprodutos não é a natureza do ingrediente: é a falta de especificação. «Subprodutos animais» sem mais informação pode ser fígado e coração — ou pode ser penas e cascos hidrolisados, que têm proteína no papel e pouco valor biológico real.

MITO

«Se o rótulo diz subprodutos, é ração má.»

Falso como afirmação geral. Órgãos são alimento de alta qualidade e fazem parte da dieta natural de qualquer canídeo. O que deve procurar não é a ausência da palavra «subproduto», mas a presença de especificação: «fígado de frango» diz-lhe algo; «subprodutos animais» não diz nada.

Proteína vegetal: o papel que tem e o que não tem

Ervilha, grão, fava, glúten de milho e concentrado de proteína de batata são usados para elevar a proteína bruta de uma fórmula a custo baixo. Não são ingredientes nocivos, e algumas destas fontes têm boa digestibilidade.

O que têm de limitado é o perfil de aminoácidos. As proteínas vegetais são geralmente pobres em metionina, e nenhuma delas fornece taurina. Num alimento onde a proteína bruta declarada seja de 30% mas metade venha de leguminosas, o valor biológico real é bastante inferior ao de um alimento com 26% predominantemente animal.

O QUE VERIFICAR

Conte quantos dos **cinco primeiros ingredientes** são de origem animal. Num alimento de gama alta para cão, espere pelo menos dois — idealmente com o primeiro a ser animal e nomeado. Se os cinco primeiros forem cereais e leguminosas, a proteína declarada no quadro analítico vem sobretudo de plantas, independentemente das imagens no saco.

1.3 Proteína bruta: porque a percentagem sozinha não diz nada

«Proteína bruta 32%» é a linha que mais gente usa para comparar rações. É também uma das menos informativas isoladamente, por uma razão técnica simples.

A proteína bruta não é medida diretamente. É calculada a partir do teor de azoto da amostra, multiplicado por um fator de conversão (habitualmente 6,25). Qualquer coisa que conte azoto conta como proteína neste cálculo — incluindo material de baixíssimo valor biológico, como penas ou pelo hidrolisado.

Dois alimentos podem declarar 32% de proteína bruta e ter valores nutricionais completamente diferentes. O que separa um do outro são três coisas que o rótulo raramente declara de forma direta.

Digestibilidade

Que fração da proteína ingerida é efetivamente absorvida. Proteínas animais de qualidade situam-se tipicamente acima dos 85%. Fontes vegetais e farinhas de baixa qualidade podem cair bastante abaixo. Proteína que não é digerida não alimenta o cão: fermenta no intestino grosso, aumenta o volume das fezes e agrava os gases.

Perfil de aminoácidos

O cão não precisa de «proteína»: precisa de dez aminoácidos essenciais em proporções adequadas. A proteína de um alimento é tão útil quanto o seu aminoácido mais escasso — o princípio do fator limitante. Uma fórmula rica em proteína mas pobre em metionina ou lisina não cumpre a função apesar do número no rótulo.

Relação proteína/energia

Um alimento muito gordo tem mais calorias por grama. Se o cão come menos gramas para obter a mesma energia, ingere também menos proteína em termos absolutos — mesmo que a percentagem seja alta. É por isso que a percentagem só se interpreta bem em conjunto com a densidade energética.

COMO COMPARAR DOIS ALIMENTOS A SÉRIO

Procure a **energia metabolizável** em kcal por 100 g (às vezes só aparece na ficha técnica online, não no saco). Divida a proteína pela energia. Um alimento com 30% de proteína e 380 kcal/100 g entrega mais proteína por caloria do que um com 32% e 440 kcal/100 g. Se a energia metabolizável não estiver declarada em nenhum lado, isso é em si uma informação sobre a transparência do fabricante.

Que percentagens são razoáveis

Como referência genérica para alimento seco completo, ajustada depois pelo perfil do cão nos capítulos da Parte 2:

Perfil	Proteína bruta	Gordura bruta
Cachorro raça média	28-32%	15-20%
Cachorro raça grande	26-30%	12-16%
Adulto manutenção	24-30%	12-18%
Adulto controlo de peso	28-34%	8-12%
Desportivo / trabalho	28-34%	18-25%
Sénior saudável	25-32%	10-15%

Estes intervalos são orientações, não regras. Um cão sénior com massa muscular reduzida beneficia do extremo superior da proteína; um cão com doença renal diagnosticada precisa de uma dieta terapêutica que não se escolhe por tabela nenhuma.

1.4 Gordura, fibra, cinza e humidade

Gordura bruta

A gordura é a fonte de energia mais densa da dieta — cerca de 8,5 kcal por grama de energia metabolizável, contra 3,5 da proteína e do amido. É também o veículo das vitaminas A, D, E e K e a origem dos ácidos graxos essenciais.

Mais relevante do que a percentagem é a **origem**. «Gordura de galinha» ou «óleo de salmão» dizem-lhe de onde vem. «Óleos e gorduras» não diz. E a origem determina o perfil de ómega-6 e ómega-3, que é o que mais influencia pele, pelo e inflamação (ver 3.1).

Fibra bruta

A fibra não é digerida, mas é funcional. Fibra insolúvel — celulose, casca de ervilha — dá volume às fezes e regula o trânsito. Fibra solúvel e fermentável — polpa de beterraba, FOS, MOS, inulina, psílio — alimenta a microbiota intestinal e produz ácidos graxos de cadeia curta que nutrem as células do cólon.

Em alimento seco de manutenção, valores entre 2% e 4% são habituais. Alimentos de controlo de peso sobem a fibra para aumentar a saciedade sem acrescentar calorias, chegando aos 6% ou mais.

Matéria inorgânica (cinza bruta)

Este é o valor que mais assusta e menos deveria. «Cinza» é simplesmente o resíduo mineral que sobra quando se incinera uma amostra: cálcio, fósforo, potássio, sódio, magnésio, zinco. Não é impureza nem sujidade.

Valores entre 5% e 9% são normais num alimento seco completo. Cinza acima de 10% sugere excesso de material ósseo na fórmula, o que diluiu o valor nutricional útil e pode desequilibrar a relação cálcio/fósforo. Cinza muito baixa, abaixo de 4%, levanta a questão de se os minerais essenciais estarão em quantidade suficiente.

MITO

«Cinza baixa é sinal de qualidade.»

Não é. A cinza mede o total de minerais, e o cão precisa deles. O que interessa não é minimizar o número, é que esteja na faixa normal e que a relação cálcio/fósforo esteja correta. Um alimento com 5,5% de cinza bem equilibrada é melhor do que um com 3,5% deficitário.

Humidade

No alimento seco, a humidade legalmente permitida vai até 14%, mas os produtos bem feitos ficam entre 8% e 10%. Esta diferença tem duas consequências. A primeira é económica: água pesa, e pagar 14% de água ao preço da ração é pagar mal. A segunda é de conservação: acima de 10%, o risco de desenvolvimento de bolores e micotoxinas aumenta significativamente, sobretudo em climas húmidos.

1.5 Cálcio, fósforo e os minerais que importam

Os minerais aparecem em letras miúdas, e é aí que estão algumas das decisões mais consequentes — especialmente em cachorros.

A relação cálcio/fósforo

Não basta ter cálcio suficiente: tem de estar em proporção correta com o fósforo. A relação recomendada situa-se entre **1,1:1 e 1,4:1** (cálcio para fósforo) num alimento completo para cão adulto.

Fora desta janela, a absorção de ambos é comprometida. Excesso de fósforo relativo ao cálcio estimula a mobilização de cálcio do osso. Excesso de cálcio interfere na absorção de zinco e de outros oligoelementos.

CACHORROS DE RAÇA GRANDE: O PONTO CRÍTICO

Em cachorros de raças grandes e gigantes, o **cálcio em excesso** é um fator de risco documentado para doença ortopédica do desenvolvimento. O esqueleto em crescimento rápido não consegue regular a absorção de cálcio tão bem como o do adulto.

Isto tem duas implicações práticas. Primeira: use um alimento formulado especificamente para cachorro de raça grande, com cálcio controlado. Segunda, e mais importante: **não suplemente cálcio** num cachorro que come um alimento completo, salvo indicação veterinária expressa. A suplementação bem-intencionada é uma das causas evitáveis mais frequentes de problemas ósseos nestas raças.

Zinco

Essencial para a pele, para a cicatrização e para a queratinização do pelo. É também um dos minerais mais frequentemente subdosados em fórmulas económicas, e a sua absorção é prejudicada por excesso de cálcio, de fitatos (presentes em cereais e leguminosas) e de fibra. Um cão com pelo sem brilho e descamação pode estar com um problema de zinco e não de gordura.

Ómega-3: EPA e DHA

Não é bem um mineral, mas pertence a este capítulo pela mesma razão: aparece em letras miúdas e é decisivo. O ómega-3 relevante para inflamação e função cognitiva é o de cadeia longa — EPA e DHA — que vem de peixe e óleos marinhos.

O óleo de linhaça fornece ALA, que o cão converte em EPA com eficiência muito baixa. Se um rótulo declara ómega-3 mas a única fonte é vegetal, o efeito anti-inflamatório prático é limitado. Procure «óleo de peixe», «óleo de salmão» ou EPA e DHA declarados separadamente.

1.6 Checklist: 10 perguntas a fazer a qualquer rótulo

Junte o que leu nesta parte num procedimento de dois minutos. Faça estas perguntas a qualquer saco, em qualquer loja.

- 01 O **primeiro ingrediente** é de origem animal e está nomeado por espécie?
- 02 Quantos dos **cinco primeiros** ingredientes são animais?
- 03 A carne declarada é **fresca** ou **desidratada**? Ajustei a percentagem em consequência?
- 04 Existem **ingredientes divididos** — três entradas do mesmo cereal? Somei-as?
- 05 A composição é **aberta** ou **fechada**? Sei exatamente que proteínas estou a dar?
- 06 A **energia metabolizável** está declarada em kcal/100 g? Consigo calcular proteína por caloria?
- 07 A **gordura tem origem identificada**, ou diz apenas «óleos e gorduras»?
- 08 A **cinza** está entre 5% e 9%? A relação cálcio/fósforo está entre 1,1:1 e 1,4:1?
- 09 Há **EPA e DHA de origem marinha**, ou o ómega-3 é só vegetal?
- 10 O alimento está **indicado para a fase de vida e o porte** do meu cão, ou é um genérico «todas as idades»?

SOBRE «TODAS AS IDADES»

Um alimento declarado para todas as fases de vida tem de cumprir os requisitos da fase mais exigente — o crescimento. Isso torna-o adequado para um cachorro, mas sobredimensionado em energia e minerais para um adulto sedentário ou um sénior. É uma solução de conveniência, não de otimização.

PARTE 2

O cão em cada fase da vida

Um cachorro de doze semanas, um adulto esterilizado e um sênior de onze anos são três animais nutricionalmente diferentes. Esta parte trata cada um deles — e diz-lhe quanto dar, com números.

2.1 Cachorro: a fase em que os erros deixam marca

O crescimento é a única fase da vida em que um erro alimentar pode ter consequências permanentes. Um adulto mal alimentado durante três meses recupera. Um cachorro mal alimentado durante três meses pode ficar com alterações esqueléticas que o acompanham a vida toda.

As janelas do crescimento

O ritmo de crescimento não é constante, e as necessidades acompanham-no.

Período	O que acontece	Prioridade nutricional
0-4 semanas	Alimentação exclusivamente láctea	Leite materno; substituto específico se necessário
4-8 semanas	Desmame progressivo	Papa de ração humedecida; transição gradual
2-6 meses	Crescimento mais rápido de toda a vida	Densidade energética e proteica alta; 3 a 4 refeições/dia
6-12 meses	Desaceleração; maturação	Redução gradual de energia; 2 refeições/dia
12-24 meses	Só raças grandes e gigantes	Manter alimento de crescimento controlado até ao fim

Quando passar a adulto

A transição para alimento de adulto faz-se quando o cão atinge aproximadamente 90% do peso adulto esperado — não numa data fixa. Em termos práticos:

- **Raças pequenas** (até 10 kg): por volta dos 9 a 10 meses.
- **Raças médias** (10 a 25 kg): por volta dos 12 meses.
- **Raças grandes** (25 a 45 kg): entre os 15 e os 18 meses.
- **Raças gigantes** (acima de 45 kg): 18 a 24 meses.

Passar demasiado cedo priva o cão de nutrientes numa fase em que ainda cresce. Passar demasiado tarde mantém uma densidade energética alta num animal que já não precisa dela — e favorece o ganho de gordura.

Quantas refeições e por que razão

Um cachorro tem estômago pequeno e necessidades energéticas elevadas em relação ao peso. Dividir a ração diária em mais refeições resolve as duas coisas e reduz o risco de hipoglicemia em raças pequenas, que têm reservas de glicogénio muito limitadas.

Até aos quatro meses, três a quatro refeições. Dos quatro aos seis, três. A partir dos seis meses, duas refeições por dia — e duas é o número que deve manter para a vida adulta.

AVALIAR O CACHORRO COM AS MÃOS, NÃO COM A BALANÇA

O melhor indicador de que está a alimentar bem um cachorro não é o peso: é a condição corporal. Passe as mãos sobre as costelas. Deve senti-las com facilidade sob uma camada fina de tecido, sem precisar de pressionar. Visto de cima, o cão deve ter cintura. Visto de lado, a linha do abdómen deve subir da caixa torácica para a virilha.

Um cachorro ligeiramente magro cresce melhor do que um cachorro ligeiramente gordo. Isto é especialmente verdade nas raças grandes.

MITO

«Cachorro tem de comer à vontade, está a crescer.»

Falso, e potencialmente prejudicial. A alimentação *ad libitum* em cachorros — deixar comida sempre disponível — está associada a crescimento acelerado, excesso de peso e maior incidência de problemas ortopédicos, sobretudo em raças grandes. O crescimento rápido não produz um cão maior no fim: produz o mesmo cão, mais depressa e com mais risco.

2.2 Raças grandes e gigantes: o crescimento travado

Um Pastor-alemão multiplica o peso de nascimento por cerca de setenta em dezoito meses. Um Yorkshire multiplica-o por vinte em nove. A diferença de escala é o que torna a nutrição das raças grandes um capítulo separado.

Porque o objetivo é travar, não acelerar

Em raças grandes, o osso cresce mais depressa do que a cartilagem consegue ossificar-se e mais depressa do que a massa muscular consegue estabilizar as articulações. Um crescimento excessivamente rápido, somado a peso corporal elevado, aumenta o risco de doença ortopédica do desenvolvimento: displasia da anca e do cotovelo, osteocondrose, panosteíte.

A componente genética existe e é importante — mas o ritmo de crescimento e o peso corporal durante o crescimento são fatores que o tutor controla, e são dos poucos.

O que distingue um alimento de raça grande

- **Energia mais baixa**, para evitar crescimento acelerado — tipicamente 12% a 16% de gordura, contra 15% a 20% num cachorro de raça média.
- **Cálcio controlado**, tanto no valor absoluto como em relação ao fósforo. É o ponto mais crítico.

- **Croquete maior**, que obriga a mastigar em vez de engolir — relevante para a velocidade de ingestão.
- **Suporte articular** em muitas fórmulas: glucosamina, condroitina, EPA e DHA.

TRÊS COISAS A NÃO FAZER NUM CACHORRO DE RAÇA GRANDE

Não suplementar cálcio. Nem em pó, nem em ossos, nem em leite adicional. O alimento completo já traz a quantidade certa, e o excesso é um risco documentado.

Não deixar comida disponível todo o dia. Pese a ração e divida-a em refeições.

Não usar alimento de cachorro de raça pequena ou média. A densidade energética e o cálcio não são adequados.

Torção gástrica: a questão do momento das refeições

A dilatação e torção gástrica é uma emergência com risco de vida que afeta desproporcionalmente cães de peito profundo — Grande Dinamarquês, Setter, Weimaraner, Pastor-alemão, Boxer. Não é uma doença nutricional, mas há práticas de alimentação que influenciam o risco.

- Dividir a ração diária em **duas ou três refeições**, em vez de uma única grande.
- Evitar **exercício intenso** na hora antes e na hora depois de comer.
- Reduzir a **velocidade de ingestão** em cães que comem muito depressa — comedouros lentos, croquete maior.

SINAIS DE TORÇÃO GÁSTRICA — URGÊNCIA IMEDIATA

Abdómen distendido e tenso, tentativas improdutivas de vomitar (o cão faz o movimento mas não sai nada), salivação excessiva, inquietação, dificuldade respiratória, colapso. Esta é uma situação de **minutos, não de horas**. Vá ao veterinário de urgência sem esperar.

2.3 Cão adulto: quanto dar, de facto

A tabela no saco de ração é um ponto de partida médio para uma população. O seu cão é um indivíduo, e a variação entre indivíduos do mesmo peso pode chegar aos 30%. Vamos calcular de forma mais fina.

O cálculo em dois passos

Passo 1 — Necessidade energética em repouso (NER). É a energia que o cão gasta em repouso, e calcula-se a partir do peso metabólico:

FÓRMULA

$$\text{NER} = 70 \times (\text{peso em kg})^{0,75}$$

Exemplo para um cão de 20 kg: $20^{0,75} = 9,46$. Multiplicado por 70 = **662 kcal/dia** em repouso.

Passo 2 — Multiplicar pelo fator de atividade. A energia real depende do que o cão faz, do estado reprodutivo e da idade:

Situação	Fator
Adulto esterilizado, atividade normal	1,6
Adulto inteiro, atividade normal	1,8
Adulto sedentário / com tendência a engordar	1,2 – 1,4
Necessidade de perda de peso	1,0
Cão ativo (1 a 2 h de exercício/dia)	2,0 – 3,0
Trabalho intenso / desporto	3,0 – 6,0
Cadela em gestação (último terço)	1,9 – 3,0
Cadela em lactação	3,0 – 6,0
Sénior	1,4 – 1,6

Do valor em calorias para gramas de ração

Falta o último passo, e é o que mais gente esquece. Procure a energia metabolizável do alimento — por exemplo, 380 kcal por 100 g.

EXEMPLO COMPLETO

Labrador esterilizado, 30 kg, passeios diários normais.

NER: $30^{0,75} = 12,82 \times 70 = 897$ kcal

Necessidade diária: $897 \times 1,6 = 1435$ kcal

Ração com 380 kcal/100 g: $1435 \div 3,80 = 378$ g por dia

Dividido em 2 refeições: 189 g de manhã, 189 g à noite.

E depois ajusta-se

Este número é uma estimativa inicial, não uma sentença. Aplique-o durante duas a três semanas e depois avalie:

- **Pese o cão** a cada duas semanas, sempre na mesma balança e à mesma hora do dia.
- **Avalie a condição corporal** com as mãos, como descrito em 2.1.
- Se está a ganhar peso indesejado, reduza **10%** da quantidade e reavalie em duas semanas.
- Se está a perder peso ou a ficar com as costelas demasiado salientes, aumente **10%**.

Ajuste em incrementos de 10% e dê tempo entre ajustes. Alterações bruscas na quantidade causam problemas digestivos e não dão informação útil.

PESE A RAÇÃO, NÃO A MEÇA A COPOS

Um copo de ração pode variar até 20% em peso, dependendo do tamanho do croquete, da densidade e de como foi enchido. Vinte por cento de erro num cão pequeno são cem gramas de diferença ao fim da semana. Uma balança de cozinha custa menos de quinze euros e é o investimento com melhor retorno em nutrição canina.

2.4 Raças pequenas: energia concentrada em pouco espaço

Um cão de 4 kg gasta, por quilo de peso corporal, muito mais energia do que um cão de 40 kg. A relação entre superfície corporal e volume é desfavorável nos animais pequenos: perdem mais calor e têm um metabolismo basal proporcionalmente mais acelerado.

Em termos práticos, um alimento para raça pequena tem densidade energética mais alta, croquete pequeno adequado à mandíbula, e frequentemente palatabilidade reforçada — porque cães pequenos são notoriamente mais seletivos.

Os três problemas típicos das raças pequenas

Hipoglicemia em cachorros. As reservas hepáticas de glicogénio são muito limitadas em cachorros de raças toy. Jejuns prolongados podem provocar episódios de hipoglicemia, com fraqueza, tremores e, em casos graves, convulsões. Nestas raças, mantenha três a quatro refeições diárias até pelo menos aos seis meses e não deixe passar muitas horas sem alimento.

Doença periodontal. Raças pequenas têm dentes proporcionalmente grandes em maxilares pequenos, com apinhamento e maior acumulação de placa. A doença periodontal é extremamente prevalente nestas raças a partir dos três anos. O croquete com textura adequada ajuda mecanicamente, mas não substitui escovagem.

Obesidade que passa despercebida. Num cão de 5 kg, meio quilo a mais são 10% do peso corporal — o equivalente a oito quilos num Labrador. Em animais pequenos, o excesso de peso instala-se com quantidades de comida que parecem insignificantes: dois biscoitos e um pedaço de queijo podem representar um quarto das calorias diárias.

2.5 Cão sénior: o mito da proteína reduzida

A partir de que idade um cão é sénior depende do porte. Uma raça pequena entra na fase sénior por volta dos 10 a 12 anos; uma raça grande aos 7 ou 8; uma raça gigante aos 6.

O mito que mais prejudica cães velhos

MITO

«Cães velhos devem comer menos proteína para poupar os rins.»

Esta ideia circulou durante décadas e não se sustenta na evidência atual. Em cães saudáveis, não há demonstração de que a proteína dietética cause dano renal ou acelere a perda de função. Restringir proteína num cão sénior saudável tem, isso sim, um custo real: agrava a **sarcopenia**, a perda de massa muscular associada à idade, que compromete mobilidade, termorregulação e reserva metabólica.

O que se restringe em doença renal crónica *diagnosticada* é o **fósforo** — e aí a proteína é moderada e escolhida por alta qualidade, numa dieta terapêutica prescrita pelo veterinário. É uma decisão clínica baseada em análises, não uma precaução a aplicar por idade.

O que o cão sénior precisa de facto

Proteína de alta qualidade, em quantidade adequada ou superior. Um sénior digere e utiliza proteína com eficiência ligeiramente inferior, o que argumenta a favor de manter ou aumentar, não reduzir. Valores de 25% a 32% num alimento seco são razoáveis, com predominância animal.

Menos energia total. A atividade diminui e o metabolismo abranda. Manter a mesma quantidade de ração de quando o cão tinha cinco anos leva a ganho de peso — que agrava artrose e sobrecarrega o coração.

Suporte articular. A artrose é a condição mais prevalente no cão idoso. EPA e DHA de origem marinha têm efeito anti-inflamatório documentado; glucosamina, condroitina e mexilhão-de-lábios-verdes são usados como suporte estrutural.

Fósforo moderado. Mesmo sem doença renal diagnosticada, evitar excesso de fósforo é prudente num animal cuja função renal tende a declinar com a idade. É outra razão para desconfiar de cinza muito elevada.

Suporte cognitivo. O declínio cognitivo canino é real e subdiagnosticado. DHA, antioxidantes (vitamina E, vitamina C, polifenóis) e triglicéridos de cadeia média aparecem em fórmulas orientadas para esta função.

SINAIS QUE MERECEM CONSULTA, NÃO AJUSTE DE RAÇÃO

Num cão sénior, alguns sinais podem parecer «da idade» e ser manifestação de doença tratável. Marque consulta se notar: **aumento de sede e de urina**, perda de peso sem alteração da alimentação, aumento rápido do perímetro abdominal, vômitos frequentes, mau hálito de instalação recente, cansaço desproporcionado ao esforço, ou desorientação e alteração do ciclo de sono.

Nenhum destes se resolve mudando de ração. Todos se investigam com análises.

2.6 Cão desportivo e de trabalho

Um cão de canicross, um cão de pastoreio em serviço ou um cão de busca e salvamento não são cães adultos com mais exercício: são atletas com exigências metabólicas específicas.

A gordura como combustível

Ao contrário do atleta humano, que depende fortemente de hidratos de carbono, o cão é metabolicamente muito eficiente na **oxidação de gordura** para esforços prolongados de intensidade submáxima — precisamente o perfil da maioria do trabalho canino.

Por isso, uma dieta de resistência canina assenta na gordura: 18% a 25% num alimento seco, chegando a valores superiores em cães de trenó em época de trabalho. A gordura fornece energia densa sem aumentar o volume de comida ingerido, o que importa num animal que come antes e depois de esforço.

Proteína para o tecido, não para a energia

A proteína elevada num cão de trabalho — 28% a 34% — não serve como fonte energética: serve para reparar tecido muscular, sustentar a produção de hemácias e manter o sistema imunitário sob carga de treino. Trabalho intenso com proteína insuficiente produz anemia desportiva e lesões de tecidos moles recorrentes.

Momento das refeições

Esta é a parte que mais frequentemente se faz mal:

- **Não alimentar na hora antes do esforço.** O estômago cheio desvia fluxo sanguíneo para a digestão e aumenta risco de torção em raças predispostas. Idealmente, três a quatro horas de intervalo.

- **A refeição principal é depois do trabalho**, mas não imediatamente. Espere que o cão estabilize a temperatura e a respiração — tipicamente trinta a sessenta minutos.
- **Água disponível durante o esforço**, em pequenas quantidades e frequentemente, não em grandes volumes de uma vez.
- **Janela de recuperação**: hidratos de carbono nas primeiras horas após esforço prolongado ajudam a repor glicogénio muscular.

Adaptar a dieta à época

Um erro comum é manter a dieta de trabalho na entressafra. Um cão que passa de trinta quilómetros semanais a passeios de rua com a mesma ração de 24% de gordura engorda rapidamente. A dieta acompanha a carga de trabalho, subindo e descendo com ela — com transições graduais em ambos os sentidos.

2.7 Esterilização e controlo de peso

A esterilização reduz a necessidade energética em cerca de **20% a 30%**. Este é um facto fisiológico, não uma impressão: a alteração hormonal diminui a taxa metabólica basal e tende a aumentar o apetite.

Se a quantidade de ração não for ajustada, o ganho de peso é a consequência esperada — e é por isso que tantos cães engordam nos meses seguintes ao procedimento. Não é a cirurgia que engorda o cão: é a alimentação que não mudou.

O QUE FAZER NAS SEMANAS APÓS A ESTERILIZAÇÃO

Reduza a quantidade em 20% cerca de duas semanas após o procedimento, quando a recuperação cirúrgica estiver concluída.

Pese o cão a cada duas semanas durante os três meses seguintes, que é o período de maior risco.

Considere mudar para uma fórmula esterilizado ou de controlo de peso: mais proteína, menos gordura, mais fibra para saciedade. Permite manter o volume da refeição com menos calorias — importante num cão com apetite aumentado.

Se o cão já está acima do peso

A obesidade canina é a doença nutricional mais prevalente e está associada a artrose, diabetes, doença cardiorrespiratória e menor esperança de vida. É também reversível.

- **Defina o peso-alvo** com o veterinário, com base em condição corporal e não em tabelas de raça.
- **Calcule as calorias para o peso ideal**, não para o peso atual — use o fator 1,0 da tabela em 2.3.

- **Visse 1% a 2% de perda de peso por semana.** Mais rápido do que isto perde massa muscular e não é sustentável.
- **Corte primeiro os extras.** Em muitos casos, snacks e sobras representam 20% a 30% das calorias diárias, e eliminá-los resolve boa parte do problema sem tocar na ração.
- **Não reduza abaixo de 60%** da necessidade calculada sem acompanhamento veterinário: abaixo desse nível, uma dieta convencional pode deixar de fornecer micronutrientes suficientes.

O FATOR INVISÍVEL: QUEM MAIS DÁ COMIDA AO CÃO

Em casas com várias pessoas, a causa mais frequente de um emagrecimento que não acontece não é a ração — é a segunda pessoa que também dá snacks. Antes de concluir que a dieta não funciona, alinhe toda a casa: uma pessoa responsável pela ração, um limite acordado para snacks, e sobras da mesa fora da equação.

PARTE 3

Problemas comuns

Cinco situações que levam mais tutores a mudar de ração. Para cada uma: o que a alimentação pode resolver, o que não pode, e onde está a fronteira com o veterinário.

3.1 Pele sensível e comichão

Pele e pelo consomem uma fração desproporcionada dos nutrientes que o cão ingere. É por isso que a pele é frequentemente o primeiro sítio onde um problema nutricional se manifesta — e também um dos últimos a melhorar, porque o ciclo do pelo é lento.

O que a nutrição controla

Ácidos graxos essenciais. A barreira cutânea depende de lípidos. O ômega-6 (ácido linoleico) é estrutural — indispensável para a integridade da barreira e para o brilho do pelo. O ômega-3 de cadeia longa (EPA e DHA) é modulador — reduz a resposta inflamatória.

O que importa não é maximizar um deles, mas a **relação entre os dois**. Dietas comerciais convencionais tendem a ser muito ricas em ômega-6 e pobres em ômega-3, com relações de 15:1 ou superiores. Para um cão com pele inflamada, fórmulas com relação mais próxima de 5:1 a 10:1 são preferíveis — e a fonte de ômega-3 tem de ser marinha.

Zinco e biotina. O zinco é central na queratinização e na cicatrização. A deficiência produz descamação, lesões nos pontos de pressão e pelo quebradiço. Algumas raças nórdicas — Husky, Malamute — têm predisposição genética para má absorção de zinco e podem necessitar de suplementação específica.

Proteína digestível em quantidade suficiente. O pelo é aproximadamente 95% proteína. Uma dieta pobre em proteína de qualidade produz pelo fino, seco e de crescimento lento, independentemente da gordura adicionada.

DOZE SEMANAS ANTES DE JULGAR

O ciclo de crescimento do pelo canino significa que qualquer alteração nutricional leva **oito a doze semanas** a mostrar-se no pelo. Mudar de ração e avaliar ao fim de duas semanas não permite conclusão nenhuma. Se vai testar uma dieta para pele, comprometa-se com três meses e tire fotografias no início para comparar.

O que a nutrição não controla

Esta é a parte mais importante deste capítulo. A grande maioria dos cães que se coçam **não tem um problema alimentar**. As causas mais frequentes de prurido em cão são, por ordem:

- **Pulgas e parasitas externos.** Continuam a ser a causa número um. Um único episódio de dermatite alérgica à picada da pulga provoca prurido intenso semanas depois de a pulga desaparecer.
- **Dermatite atópica** — alergia ambiental a pólenes, ácaros do pó, fungos. É a alergia mais comum no cão e não responde a mudança de ração.

- **Infeção bacteriana ou por leveduras** (*Malassezia*), muitas vezes secundária a outra causa.
- **Sarna, dermatofitose** e outras doenças específicas.
- **Alergia alimentar** — que existe, mas representa uma minoria dos casos de prurido.

NÃO MUDE DE RAÇÃO ANTES DE EXCLUIR PARASITAS

Mudar de alimentação num cão com pulgas não resolve nada e atrasa semanas o diagnóstico correto. Antes de qualquer alteração dietética por causa de prurido: confirme que o controlo antiparasitário está em dia e atualizado, e leve o cão a consulta. Se houver perda de pelo em placas, feridas abertas, mau odor, crostas, ou se o cão se coça até sangrar, isso é dermatologia veterinária — não nutrição.

3.2 Alergias e intolerâncias alimentares

Estes dois termos são usados como sinónimos e não o são. A distinção tem consequências práticas.

A **alergia alimentar** é uma reação imunomediada a uma proteína específica. O sistema imunitário reconhece a proteína como ameaça. A manifestação é tipicamente cutânea — prurido persistente, sobretudo em face, orelhas, patas, axilas e região perianal — e frequentemente acompanhada de otites recorrentes. Não depende da quantidade ingerida: uma pequena exposição desencadeia reação.

A **intolerância alimentar** não envolve o sistema imunitário. É uma dificuldade digestiva ou metabólica com um componente do alimento — lactose, excesso de gordura, um aditivo. Manifesta-se sobretudo no aparelho digestivo: gases, fezes moles, vômitos ocasionais. Depende da dose: pequenas quantidades podem ser toleradas.

As proteínas mais frequentemente envolvidas

Os alergénios alimentares mais reportados no cão são **bovino, lácteos, frango e trigo**. Isto não significa que estas proteínas sejam intrinsecamente alergénicas: são simplesmente as mais presentes na alimentação canina, e a exposição prévia é condição necessária para sensibilização.

Esta é a lógica das **proteínas novéis**: usar uma fonte a que o cão nunca foi exposto — cavalo, javali, veado, búfalo, insetos, peixes menos comuns — de forma a que não exista sensibilização prévia.

A dieta de eliminação

É o único método fiável de diagnóstico de alergia alimentar. Os testes sanguíneos e salivares comercializados para alergia alimentar em cães têm fiabilidade insuficiente e não substituem este processo.

COMO SE FAZ UMA DIETA DE ELIMINAÇÃO

1. Escolher, com o veterinário, uma dieta com **proteína hidrolisada** (proteína fragmentada em péptidos demasiado pequenos para o sistema imunitário reconhecer) ou com **proteína novél única** a que o cão nunca foi exposto.
2. Alimentar **exclusivamente** com essa dieta durante **oito a doze semanas**. Exclusivamente significa: nada de snacks, nada de sobras, nada de medicação palatável aromatizada, nada de pasta de dentes com sabor, nenhuma exceção.
3. Avaliar se os sinais melhoraram.
4. Se melhoraram, fazer a **reintrodução** de um ingrediente de cada vez, para identificar o responsável. Esta fase é a que fecha o diagnóstico e é frequentemente omitida.

A razão para o prazo de oito a doze semanas é que a inflamação cutânea estabelecida demora semanas a resolver-se depois de removido o estímulo. Uma dieta de eliminação interrompida à quarta semana por «não estar a funcionar» não produz informação utilizável.

MITO

«Ração sem cereais é hipoalergénica.»

Confusão de categorias. Os alergénios alimentares mais comuns no cão são *proteínas animais* — bovino, frango, lácteos. Retirar cereais não retira nenhuma delas. Uma ração «grain free» cuja proteína principal é frango é perfeitamente capaz de manter uma alergia ao frango. Sem cereais não é sinónimo de hipoalergénico; hipoalergénico significa proteína hidrolisada ou proteína novél única.

3.3 Articulações e displasia da anca

A displasia da anca é uma malformação do desenvolvimento em que a cabeça do fémur e o acetábulo não encaixam corretamente. A instabilidade resultante provoca desgaste da cartilagem e, com o tempo, artrose secundária. É particularmente prevalente em raças grandes.

O que se pode e não se pode controlar

A displasia tem base **genética** — nenhuma alimentação a evita num cão geneticamente predisposto. Mas a expressão clínica, ou seja, quão mal o cão fica e quão cedo, é influenciada por fatores que o tutor controla:

- **Peso corporal.** É o fator modificável mais importante, em qualquer idade. Cada quilo a mais é carga adicional sobre uma articulação já comprometida. Num cão com displasia, manter magreza é a intervenção com maior impacto real — mais do que qualquer suplemento.
- **Ritmo de crescimento** durante a fase de cachorro (ver 2.2).
- **Massa muscular.** Músculo estabiliza articulação. Exercício regular de baixo impacto — caminhada em terreno regular, natação — mantém massa muscular sem sobrecarregar.
- **Controlo da inflamação**, onde a nutrição entra com mais peso.

Suporte nutricional: o que tem evidência

EPA e DHA de origem marinha. São o suporte nutricional com melhor base de evidência em osteoartrite canina. Em doses adequadas, reduzem a produção de mediadores inflamatórios e vários estudos mostram melhoria de sinais clínicos de mobilidade. As doses com efeito documentado são substancialmente superiores às presentes numa ração de manutenção, o que significa que na prática se recorre a suplementação dirigida.

Glucosamina e condroitina. Componentes estruturais da cartilagem. A evidência é mais heterogênea do que a dos ómega-3, mas o perfil de segurança é muito bom e são amplamente usados como suporte, habitualmente em associação. O efeito, quando existe, instala-se lentamente — quatro a oito semanas.

Mexilhão-de-lábios-verdes. Fonte natural de glucosaminoglicanos combinada com ómega-3 próprios, com dados favoráveis em mobilidade.

Colagénio hidrolisado, MSM, curcumina, boswellia. Usados como coadjuvantes com bases de evidência variáveis. A curcumina tem atividade anti-inflamatória demonstrada mas biodisponibilidade oral baixa, razão pela qual as formulações relevantes usam sistemas de absorção melhorada.

DAR TEMPO E DAR CONTINUIDADE

Nenhum suporte articular nutricional age em dias. Conte com **quatro a oito semanas** para avaliar efeito, e mantenha o uso continuado — não em ciclos curtos. Registe indicadores concretos em vez de impressões: quanto tempo demora a levantar-se, se sobe escadas sozinho, quantos minutos de passeio faz sem claudicar. É a única forma de distinguir melhoria real de expectativa.

SUPORTE NUTRICIONAL NÃO É ANALGESIA

Um cão com dor articular precisa de gestão de dor prescrita por um veterinário. Suplementos são suporte de longo prazo, não tratamento de dor aguda. E **nunca** administre anti-inflamatórios de uso humano — ibuprofeno, paracetamol, aspirina — a um cão. São tóxicos em doses que parecem pequenas e causam úlceras gástricas e lesão renal e hepática.

3.4 Digestão sensível e diarreia recorrente

Fezes moles persistentes são um dos motivos mais frequentes de troca de ração — e frequentemente a troca resolve, porque a causa é mesmo dietética. Mas não sempre.

Causas dietéticas

- **Transição demasiado rápida** entre alimentos. A causa mais comum de todas, e completamente evitável (ver 4.1).
- **Excesso de gordura** para a capacidade digestiva do animal.
- **Proteína pouco digestível**, que chega ao intestino grosso e fermenta.
- **Sobrealimentação**. Mais comida do que a capacidade de digestão produz fezes moles e abundantes, mesmo com alimento de boa qualidade.
- **Snacks e sobras** em quantidade ou variedade excessiva. Um cão com digestão sensível não tolera uma dieta que muda todos os dias.
- **Desequilíbrio da microbiota**, frequentemente após antibioterapia.

O que caracteriza um alimento de digestão sensível

- **Fonte proteica única e de alta digestibilidade**, reduzindo a carga no intestino grosso.
- **Gordura moderada**, tipicamente 10% a 14%.
- **Hidratos de carbono de fácil digestão** — arroz, batata — em vez de fontes mais fibrosas.
- **Prebióticos** (FOS, MOS, inulina, polpa de beterraba) que alimentam a microbiota benéfica.
- **Probióticos** em algumas fórmulas, ou dados em suplemento à parte.
- **Ausência de excesso de fibra insolúvel**, que pode agravar em fase aguda.

UM PROTOCOLO SIMPLES PARA FEZES MOLES SEM OUTROS SINTOMAS

Dias 1 a 2: reduzir a quantidade em cerca de um terço, mantendo o mesmo alimento e dividindo em mais refeições pequenas. Água sempre disponível.

Dias 1 a 5: suspender totalmente snacks, sobras e qualquer alimento fora da ração.

Dias 3 a 7: voltar gradualmente à quantidade normal, avaliando a consistência das fezes.

Se não houver melhoria em **48 a 72 horas**, ou se surgir qualquer um dos sinais da caixa seguinte, vá ao veterinário.

QUANDO A DIARREIA NÃO É UM ASSUNTO DE RAÇÃO

Vá ao veterinário **sem esperar** se houver: sangue nas fezes (vermelho vivo ou fezes escuras e alcatroadas), vômitos em simultâneo, prostração ou recusa de água, febre, dor abdominal, diarreia com mais de três dias, perda de peso, ou se se tratar de um **cachorro ou de um cão idoso** — nestes, a desidratação instala-se muito mais depressa.

Causas infecciosas, parasitárias, corpos estranhos, insuficiência pancreática exócrina, doença inflamatória intestinal e intoxicações apresentam-se todas com diarreia. Nenhuma se resolve com mudança de marca.

3.5 Calor, hidratação e golpe de calor

Em Portugal, este capítulo não é acessório. O golpe de calor é uma das emergências veterinárias mais letais e uma das mais evitáveis.

Porque o cão é mal equipado para o calor

O cão praticamente não transpira. A termorregulação faz-se sobretudo por **ofego** — evaporação de água nas vias respiratórias — com uma contribuição menor pelas almofadas plantares. Este mecanismo tem duas limitações graves: perde eficácia quando a humidade do ar é elevada, e consome água a um ritmo acelerado.

Quem está em maior risco

- **Raças braquicéfalas** — Bulldog, Carlino, Boxer, Boston Terrier. As vias aéreas comprimidas tornam o ofego muito menos eficaz. Estão em risco elevado a temperaturas que outros cães toleram.
- **Cães obesos.** A gordura isola e dificulta a dissipação de calor.
- **Cães de pelo duplo e denso**, sobretudo raças nórdicas.
- **Cachorros e cães idosos**, com termorregulação menos eficiente.
- **Cães com doença cardíaca ou respiratória.**

- **Cães preto**, por maior absorção de radiação solar.

Prevenção

- **Passeios ao amanhecer e depois do anoitecer** nos meses quentes. Encoste a mão ao alcatrão: se não a consegue manter cinco segundos, queima as almofadas do cão.
- **Água fresca sempre disponível**, em vários pontos da casa, renovada várias vezes ao dia.
- **Sombra real e ventilação.** Uma casota ao sol é um forno; uma varanda fechada também.
- **Nunca deixar um cão dentro do carro**, nem à sombra, nem com vidros entreabertos, nem por cinco minutos. O interior de um veículo estacionado atinge temperaturas letais muito rapidamente.
- **Molhar o pelo** antes e durante o passeio, insistindo em barriga, virilhas, axilas e patas — zonas de pele fina e maior troca de calor.
- **Adicionar água ou ração húmida** à refeição, em cães que bebem pouco.

GOLPE DE CALOR — RECONHECER E AGIR

Sinais: ofego intenso e descontrolado, salivação espessa, língua e gengivas vermelho-escuras ou arroxeadas, fraqueza, andar descoordenado, vômitos ou diarreia, olhar vidrado, convulsões, colapso.

O que fazer, pela ordem:

1. Tirar o cão do calor para local sombreado e ventilado, imediatamente.
2. Arrefecer com **água fresca corrente ou à temperatura ambiente** — nunca água gelada nem gelo, que provocam vasoconstrição cutânea e paradoxalmente dificultam a perda de calor. Molhar generosamente barriga, virilhas, axilas, patas e pescoço.
3. Ventilar — ventoinha, ar condicionado, janela do carro em movimento.
4. Oferecer pequenas quantidades de água se o cão estiver consciente e conseguir beber. Nunca forçar líquidos.
5. **Ir ao veterinário de urgência, mesmo que pareça recuperado.**

Este último ponto é o mais importante e o mais ignorado. O golpe de calor provoca lesões internas — coagulação, rins, fígado, intestino — que se manifestam horas depois, quando o animal já parece bem. Um cão que teve golpe de calor precisa de avaliação e monitorização, sem exceção.

PARTE 4

Boas práticas

Quatro hábitos que fazem mais diferença do que a escolha da marca: como mudar de alimento, como o conservar, como gerir snacks e onde está o limite deste guia.

4.1 Mudar de ração sem estragar a digestão

A microbiota intestinal do cão é uma comunidade adaptada ao alimento que recebe habitualmente. Uma mudança abrupta altera o substrato disponível de um dia para o outro, e a população bacteriana não acompanha. O resultado previsível é fezes moles, gases e desconforto — atribuídos depois, injustamente, à ração nova.

TRANSIÇÃO EM 7 A 10 DIAS

Dias 1 a 3: 75% do alimento antigo + 25% do novo

Dias 4 a 6: 50% + 50%

Dias 7 a 9: 25% do antigo + 75% do novo

Dia 10: 100% do alimento novo

Misture bem as duas rações na mesma refeição, em vez de dar uma de manhã e outra à noite. Em cães com digestão sensível, prolongue cada etapa para cinco dias — uma transição de duas a três semanas é perfeitamente aceitável e mais segura.

Regras de bom senso

- **Não mude de ração em simultâneo com outra alteração** — mudança de casa, viagem, cirurgia, chegada de outro animal. Se algo correr mal, não saberá o que causou.
- **Se as fezes amolecerem numa etapa, volte à anterior** durante três dias e retome mais lentamente.
- **Compre o saco novo antes de o antigo acabar.** Ficar sem ração é a razão mais comum de transições abruptas.
- **Ajuste a quantidade.** O alimento novo pode ter densidade energética diferente. Recalcule as gramas pelas calorias (ver 2.3) em vez de manter o mesmo volume.

4.2 Conservação: o saco aberto perde qualidade

Uma ração de excelente qualidade mal conservada durante seis semanas é pior do que uma ração média bem conservada. Isto é um dos aspetos mais subestimados da alimentação canina.

O que acontece ao alimento depois de abrir

Oxidação das gorduras. A gordura em contacto com oxigénio, luz e calor oxida — fica rançosa. Isto destrói ácidos graxos essenciais, degrada as vitaminas lipossolúveis A, D e E, e produz compostos que alteram sabor e cheiro. Um cão que «deixou de gostar da ração» está muitas vezes a recusar gordura oxidada.

Absorção de humidade. O croquete é higroscópico. Absorve humidade do ar, perde crocância e, acima de certo nível, cria condições para bolores e produção de micotoxinas.

Perda de aroma. Os compostos voláteis que tornam a ração apetecível evaporam-se com a exposição ao ar.

COMO CONSERVAR CORRETAMENTE

Mantenha a ração no saco original. O saco é multicamada, concebido como barreira ao oxigénio, à luz e à humidade. Se quiser usar um contentor rígido, coloque o saco inteiro dentro dele em vez de despejar o conteúdo.

Feche bem após cada uso — dobre e prenda com mola, ou use o fecho do saco. Expulse o ar antes de fechar.

Local fresco, seco e escuro. Não ao lado do forno, da máquina de lavar, nem na garagem ou na varanda ao sol.

Nunca despeje ração nova sobre restos de ração velha num contentor. Os resíduos oxidados e a gordura acumulada no fundo contaminam o produto novo. Lave e seque completamente o contentor entre sacos.

Consuma o saco em 4 a 6 semanas depois de aberto. Compre a embalagem adequada ao consumo do seu cão: um saco de 15 kg para um cão de 6 kg leva quatro meses a acabar, e nos últimos dois já não vale o que valia.

Ração húmida

Lata ou saqueta aberta vai ao frigorífico em recipiente fechado e consome-se em **48 horas**. Retire do frio vinte minutos antes de servir: alimento muito frio é menos palatável e pode causar desconforto digestivo. O que sobrar no comedouro deve ser retirado depois de trinta a sessenta minutos, sobretudo no verão.

4.3 Snacks: quanto é demasiado

A regra de referência em nutrição canina é simples: **os snacks não devem exceder 10% das calorias diárias totais**. Os restantes 90% vêm de um alimento completo e equilibrado.

A razão não é apenas o peso. Um alimento completo é formulado para fornecer todos os nutrientes essenciais nas proporções corretas. Quando os extras passam de 10%, diluem essa formulação — e o cão pode estar a ingerir calorias suficientes com micronutrientes em falta.

FAZER A CONTA

Cão de 20 kg, esterilizado, com necessidade de aproximadamente 1060 kcal/dia.

Limite para snacks: 106 kcal/dia.

Para dar uma ordem de grandeza: isto corresponde tipicamente a um biscoito médio e dois ou três pedaços pequenos de snack seco. Um osso de couro ou um snack mastigável grande pode, isoladamente, ultrapassar este limite.

Quando dá snacks em quantidade, **desconte da ração** — não acrescente por cima.

Alternativas de baixo valor calórico

Se usa comida como recompensa em treino, há opções que permitem muitas repetições sem carga calórica relevante: cenoura crua em rodellas, feijão-verde cozido sem sal, pedaços pequenos de maçã sem sementes, courgette, pepino. E a opção mais simples de todas — usar a própria ração diária como recompensa, retirando-a da porção da refeição.

ALIMENTOS QUE NÃO DEVE DAR AO CÃO

Tóxicos: chocolate e cacau, uvas e passas (risco de insuficiência renal aguda), cebola, alho, alho-porro e chalota, xilitol (adoçante presente em gomas, pastas de dentes e alguns doces), nozes de macadâmia, álcool, massa de pão crua, café e bebidas com cafeína, abacate em quantidade, e os caroços de frutos como pêssago, ameixa e cereja.

De risco físico: ossos cozinhados, que estilhaçam e podem perfurar o tubo digestivo. Ossos crus têm outros riscos, incluindo obstrução e fratura dentária, e se os usar deve ser com critério e supervisão.

Não recomendados: sobras temperadas, fritos, embutidos e salgados, lácteos em quantidade em cães adultos.

Se suspeitar de ingestão de um tóxico, contacte imediatamente o veterinário ou uma linha de urgência toxicológica. **Não induza o vômito** sem indicação: em algumas substâncias agrava a lesão.

4.4 Quando este guia deixa de bastar

Este guia foi escrito para lhe dar autonomia em decisões de nutrição. Uma parte dessa autonomia é saber identificar o que não é uma decisão de nutrição.

Marque consulta veterinária, em vez de mudar de ração, se:

- O cão perdeu ou ganhou peso de forma inexplicada, sem alteração na alimentação.
- Bebe e urina visivelmente mais do que era habitual.

- Vomita com regularidade, mesmo que pareça recuperar entre episódios.
- Tem diarreia com mais de três dias, ou com sangue.
- Coça-se até criar feridas, ou tem otites recorrentes.
- Claudica, tem dificuldade em levantar-se ou evita escadas e saltos.
- Mudou de comportamento, de nível de energia ou de padrão de sono.
- Tem mau hálito que apareceu recentemente.
- Perdeu o apetite por mais de 24 a 48 horas.

Peça uma dieta prescrita pelo veterinário se o cão tem: doença renal crônica, doença hepática, insuficiência pancreática ou pancreatite, diabetes mellitus, cálculos ou cristais urinários, doença inflamatória intestinal, alergia alimentar confirmada, doença cardíaca, ou necessidade de perda de peso significativa e supervisionada.

Nestas situações, a escolha do alimento é um ato clínico. Um guia geral — este ou qualquer outro — não tem informação suficiente sobre o seu animal para a fazer.

O QUE LEVAR A UMA CONSULTA DE NUTRIÇÃO

Se marcar consulta especificamente para discutir alimentação, leve: o **saco ou uma fotografia do rótulo completo** do alimento atual, a **quantidade exata em gramas** que dá por dia, uma **lista de todos os snacks e extras** incluindo sobras, o **historial de peso** se o tiver, e uma nota do que já experimentou e com que resultado. Uma consulta com estes dados vale por três sem eles.

ANEXOS

Tabelas e glossário

Material de consulta rápida: quantidades diárias por peso e atividade, e a tradução dos termos que encontra num rótulo.

Anexo A Rações diárias por peso e atividade

Valores em **gramas por dia**, calculados para um alimento seco com **380 kcal por 100 g**. Se a sua ração tiver uma densidade diferente, ajuste: multiplique o valor da tabela por 380 e divida pelas kcal/100 g do seu alimento.

Peso	Perda de peso fator 1,0	Sedentário fator 1,3	Esterilizado fator 1,6	Inteiro fator 1,8	Ativo fator 2,5
3 kg	42 g	55 g	67 g	76 g	105 g
5 kg	62 g	80 g	99 g	111 g	154 g
8 kg	87 g	114 g	140 g	157 g	219 g
10 kg	104 g	135 g	166 g	187 g	259 g
12 kg	119 g	154 g	190 g	214 g	297 g
15 kg	140 g	182 g	224 g	252 g	350 g
18 kg	160 g	208 g	256 g	288 g	400 g
20 kg	174 g	226 g	278 g	313 g	435 g
25 kg	206 g	268 g	330 g	371 g	515 g
30 kg	236 g	307 g	378 g	425 g	590 g
35 kg	265 g	344 g	424 g	477 g	662 g
40 kg	293 g	380 g	468 g	527 g	732 g
50 kg	346 g	450 g	554 g	623 g	865 g
60 kg	397 g	516 g	635 g	714 g	992 g
70 kg	445 g	579 g	712 g	801 g	1113 g

COMO USAR ESTA TABELA

Escolha a linha do peso **ideal** do cão — não do peso atual, se estiverem diferentes. Escolha a coluna do perfil de atividade. Divida o valor pelo número de refeições diárias. Aplique durante duas a três semanas e ajuste em incrementos de 10% conforme a evolução do peso e da condição corporal.

Estes valores são para **cães adultos**. Cachorros, cadelas gestantes ou em lactação e cães de trabalho intenso têm necessidades superiores — siga as indicações do alimento específico e do veterinário.

Anexo B Glossário de termos de rótulo

Termo	Significado
Alimento completo	Fornece todos os nutrientes essenciais nas proporções adequadas. Pode ser dado como única fonte de alimentação.
Alimento complementar	Não é nutricionalmente completo. Destina-se a ser dado em conjunto com outro alimento. Muitos snacks e patés entram nesta categoria.
Alimento dietético	Formulado para um objetivo nutricional específico numa condição de saúde. Deve ser usado sob orientação veterinária.
Cinza bruta / matéria inorgânica	Total de minerais. Faixa normal em seco: 5% a 9%.
Composição aberta	Ingredientes nomeados individualmente com percentagens.
Composição fechada	Ingredientes agrupados em categorias genéricas («cereais», «carnes e subprodutos animais»).
Constituintes analíticos	Quadro obrigatório com proteína, gordura, fibra, cinza e humidade.
Energia metabolizável	Energia efetivamente utilizável pelo animal, em kcal. A base correta para calcular quantidades.
EPA / DHA	Ácidos graxos ómega-3 de cadeia longa, de origem marinha. Os relevantes para inflamação e função cognitiva.
Extrusão	Processo de fabrico do croquete seco: mistura, cozedura sob pressão e secagem.
FOS / MOS	Fruto-oligossacáridos e mano-oligossacáridos. Prebióticos que alimentam a microbiota intestinal.
Grain free	Sem cereais. Substitui-os por batata, ervilha ou leguminosas. Não é sinónimo de hipoalergénico nem de baixo teor de amido.
Hidrolisado	Proteína fragmentada em péptidos pequenos, com o objetivo de não ser reconhecida pelo sistema imunitário. Base das dietas hipoalergénicas.
Matéria seca	O alimento sem a água. Base de comparação correta entre alimento seco e húmido.
Monoproteico	Contém apenas uma fonte de proteína animal.
Palatabilizante	Ingrediente que aumenta a apetência, aplicado tipicamente na superfície do croquete.
Prebiótico	Fibra fermentável que serve de substrato às bactérias benéficas do intestino.
Probiótico	Microrganismos vivos administrados para benefício da microbiota.
Proteína bruta	Valor calculado a partir do azoto total. Não informa sobre digestibilidade nem sobre perfil de aminoácidos.
Proteína novél	

Fonte proteica a que o animal nunca foi exposto — cavalo, javali, veado, insetos. Usada em dietas de eliminação.

Subprodutos animais	Partes do animal não destinadas ao consumo humano: órgãos, cartilagem, moela. Podem ter valor nutricional elevado; o que importa é a especificação.
Taurina	Aminoácido essencial para o gato e condicionalmente importante em algumas raças de cão. Presente em tecidos animais, ausente em fontes vegetais.

Aviso. Este documento tem carácter informativo e educativo. Não constitui aconselhamento médico-veterinário, não se destina a diagnosticar, tratar ou prevenir qualquer doença e não substitui a avaliação de um médico-veterinário. As recomendações apresentadas são de natureza geral e podem não ser adequadas a animais com condições clínicas específicas. Em caso de dúvida ou de sinais de doença, consulte sempre um médico-veterinário.

© 2026 Kanemaster Unipessoal, Lda. Todos os direitos reservados. Reprodução total ou parcial não autorizada.

Sobre a Kanemaster

A Kanemaster é uma empresa portuguesa com mais de 16 anos dedicados ao bem-estar animal e à investigação em nutrição para cão e gato. Somos importadores exclusivos de marcas premium para o mercado português e desenvolvemos linhas próprias de suplementação.

Este guia faz parte do nosso trabalho de informação a tutores. Se tiver dúvidas sobre a alimentação do seu cão, fale com a nossa equipa.



Ver a gama para cão

Aponte a câmara do telemóvel para o código e acede diretamente às rações e suplementos para cão.

sportkane.com/racao-para-caes